

TRABALHO NO SETOR INFORMAL URBANO: O CASO DOS VENDEDORES DAS FEIRAS LIVRES DO MUNICÍPIO DE PARINTINS/AM

Dileia Maria da Silva Gomes Santos¹
Valdilene Siqueira de Souza²
João Bosco dos Santos Brasil³

RESUMO

O presente estudo propôs descrever o trabalho no setor informal urbano, especificamente o caso dos vendedores das feiras livres do “Bagaço e do Produtor” no município de Parintins/AM. Teve como objetivo geral descrever o trabalho informal realizado pelos feirantes das feiras do Bagaço e do Produtor, no que se refere à sua capacidade de promover o desenvolvimento do ponto de vista socioeconômico, destes trabalhadores. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos: compreender a importância do trabalho informal das feiras livres; identificar os problemas enfrentados pelos feirantes; apontar intervenções do poder público para os feirantes que trabalham nas feiras do Bagaço e do Produtor, em relação a contribuição econômica e fonte de renda. O estudo tratou-se de uma pesquisa de campo, com enfoque qualitativo, onde foi empregado o método dialético. Enquanto instrumento de pesquisa, realizou observações diretas e aplicação de entrevista com perguntas destinadas a trabalhadores das duas feiras livres do município. Os resultados obtidos revelaram que os trabalhadores enfrentam dificuldades em relação à infraestrutura precária das feiras, falta de políticas públicas efetivas e à instabilidade financeira que afeta diretamente seus negócios. Contudo, os entrevistados ressaltam a importância das feiras livres como uma fonte de sustento para as famílias, além de ser um importante meio de acesso a alimentos *in natura*, regionais e saudáveis para a população.

Palavras-chave: Trabalho informal; Feiras livres; Economia; Parintins/AM

ABSTRACT

The present study proposed to describe the work in the urban informal sector, specifically the case of the sellers of the free fairs of “Bagaço e do Produtor” in the municipality of Parintins/AM. Its general objective was to describe the informal work carried out by marketers at the Bagaço and Producer fairs, with regard to their ability to promote the development of these workers from a socioeconomic point of view. To this end, the following specific objectives were outlined: to understand the importance of informal work at street markets; identify the problems faced by marketers; point out interventions by the public authorities for the stallholders who work at the Bagaço and Producer fairs, in relation to their economic

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (CESP/UEA).
Email: dmdsgs.geo18@uea.edu.br

²Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
Email: valdilene.lenesouza@gmail.com

³Docente do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (CESP/UEA).
Email: jbrasil31@gmail.com

contribution and source of income. The study was a field research, with a qualitative approach, where the dialectical method was used. As a research instrument, it carried out direct observations and the application of an interview with questions aimed at workers at the two street markets in the city. The results obtained revealed that workers face difficulties in relation to the precarious infrastructure of the fairs, lack of effective public policies and the financial instability that directly affects their businesses. However, the interviewees emphasize the importance of street markets as a source of livelihood for families, in addition to being an important means of access to fresh, regional and healthy food for the population.

Keywords: Informal work; Free fairs; Economy; Parintins/AM

INTRODUÇÃO

As feiras livres moldaram a sua existência a partir do desenvolvimento do comércio informal de rua. Da mesma forma, os vendedores atuais são herdeiros do comércio tradicional dos trabalhadores urbanos e rurais ou dos que compravam produtos agrícolas e pecuários para revendê-los posteriormente na cidade de Parintins/AM e que, com o tempo, contribuíram para a dinâmica econômica e urbana do município.

A realidade econômica dos trabalhadores das feiras livres pode ser compreendida à luz da teoria do mercado de trabalho dual, que divide o mercado de trabalho em dois segmentos: um formal, com empregos que oferecem estabilidade, benefícios e proteção social, e outro informal, com trabalhos precários, sem proteção social e sem garantias trabalhistas (FERREIRA, 2019). Deste modo são realidades distintas, no qual essa pesquisa está voltada para o trabalho informal realizado pelos trabalhadores das feiras livres do Bagaço e do Produtor.

Portanto, dentro da feira o mundo é percebido de uma perspectiva especial, as feiras livres estão fortemente ligadas ao cotidiano parintinense, revelando um importante espaço de vivências, estas que muitas vezes, passam de pais para filhos. E do ponto de vista de seu funcionamento e desenvolvimento, as feiras livres têm sido consideradas como um fenômeno eminentemente territorial e urbano pelos principais estudos sobre o tema, realizados a partir das ciências sociais e outras áreas, que incluem a perspectiva espacial como a foco de sua análise.

Apesar do crescimento expressivo de supermercados na última década, as feiras livres continuam sendo um dos principais meios de fornecimento de produtos alimentícios para a população urbana. A convivência, a proximidade e uma relação de identidade com o bairro são alguns fatores que explicam a persistência desses espaços em diferentes bairros do município.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de que a incapacidade das economias modernas de gerar fontes de renda que deem emprego a toda a força de trabalho, aliada às fortes migrações

do campo para as grandes cidades em meados do século XX, gerou um aumento acentuado do que na década de 1970 seria definido como o setor informal urbano (SANTOS, 2020). No atual contexto econômico, com altas taxas de desemprego e exclusão social, o trabalho informal continua sendo a alternativa de emprego para muitas pessoas.

Objetivo deste estudo foi descrever o trabalho informal realizado pelos feirantes das feiras do Bagaço e do Produtor, no que se refere à sua capacidade de promover o desenvolvimento do ponto de vista socioeconômico, destes trabalhadores, tendo como objetivos específicos: 1) compreender a importância do trabalho informal das feiras livres; 2) identificar os problemas enfrentados pelos feirantes; 3) apontar intervenções do poder público para os feirantes que trabalham nas feiras do Bagaço e do Produtor, em relação a contribuição econômica e fonte de renda.

Em razão disso, o artigo está dividido em quatro seções: referencial teórico com embasamento de autores que ajudam a responder as práticas dos sujeitos com relação ao tema proposto. Seguido dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, a qual trata-se de uma pesquisa qualitativa como Método Dialético. A terceira, fala dos resultados e discussões que foram obtidos através das entrevistas com os feirantes. E por último, as considerações do trabalho, que em suma, apesar de as feiras livres se configurarem como espaços de sentido, identidade e consumo, existem deficiências ao nível da sua localização, como falta de infraestrutura adequada, segurança e saneamento básico, falta de políticas públicas voltadas para o setor e a instabilidade financeira dos trabalhadores que interferem na geração de renda.

Portanto, acredita-se que este trabalho contribuirá para reflexões capazes de ajudar a transformar a realidade dos feirantes que atuam na cidade de Parintins, daí a importância de promover e consolidar os espaços onde se inserem como locais centrais de oferta e sociabilidade.

2. TRABALHO INFORMAL

2.1 Antecedentes do trabalho informal

Conforme Ferreira (2019), a realidade econômica atual está envolvida em um processo de globalização, em que as economias nacionais estão cada vez mais integradas ao comércio internacional. Esse fenômeno restringe severamente a margem de ação dos governos, impelidos a colocar o cumprimento dos equilíbrios macroeconômicos acima de questões internas como emprego, saúde, educação etc.; e assim evitar que seus países caiam no ostracismo. Isso gera

enormes desigualdades e causa a marginalização de uma parte importante da população, principalmente nos países subdesenvolvidos.

Segundo Branco (2016), no campo econômico, o atual processo de globalização é incompleto e assimétrico, e se caracteriza por uma intervenção cada vez menor do Estado nessa área. Grandes empresas multinacionais, que diversificam suas atividades ao redor do mundo, adquirem grande poder econômico, inclusive sobre estruturas estatais. Gradualmente, esse fenômeno deteriorou pequenas unidades econômicas, aquelas que empregam ou utilizam mão de obra de forma mais intensa e, portanto, são essenciais para a geração de empregos. De fato, a relação entre crescimento e emprego está se tornando cada vez menos próxima, tanto nos países desenvolvidos, quanto nos subdesenvolvidos.

Para Santos (2021), a insuficiência do emprego formal e a exclusão social afetam fortemente as famílias que vivem na pobreza, causando-lhes grandes dificuldades para estabilizar sua situação econômica. Isso faz com que um grande número de pessoas busque estratégias de auto-suficiência ou auto-emprego para obter uma ocupação, o que tem dado origem a uma série de estratégias informais de subsistência. Para muitas pessoas com baixa escolaridade, o trabalho por conta própria torna-se uma alternativa de trabalho que lhes permite gerar renda e, sobretudo, para as mulheres, representa a possibilidade de conciliar a atividade produtiva com as obrigações familiares.

A maioria dessas pessoas desenvolve algum tipo de atividade econômica no que é teoricamente conhecido como setor informal urbano, que se caracteriza por ser muito heterogêneo e agrupar infinitas atividades econômicas diferentes, tais como: produção e venda de alimentos industrializados (carrinhos), comércio de feiras, comércio ambulante, artesanato, coleta de papelão, confecção de roupas e tecidos, autocuidado, pequenos negócios como bazares e quiosques, serviços de consertos, etc. Esses empregos têm em comum o fato de operarem com um sistema auto-organizado e gerarem renda precária (MELO, 2020).

O setor informal é definido como fora do sistema de produção industrial predominante e do aparelho estatal. No entanto, desempenha um papel importante na economia, especialmente em termos de criação de emprego. O conceito de trabalho informal ganhou relevância na América Latina na década de 1960, quando houve significativa migração do campo para as grandes cidades. Essa população buscou melhorar sua qualidade de vida, porém, em muitos casos, não encontrou trabalho na indústria formal ou no setor público, o que fez com que desenvolvessem outras estratégias de emprego (SILVA, 2020).

Para fins metodológicos e para medir seu tamanho, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), por meio de seu Programa de Emprego para a América Latina e o Caribe (PREALC), define o setor informal como: o número total de proprietários ou empregadores de microempresas com pequeno número (até cinco) de trabalhadores, trabalhadores assalariados de microempresas (geralmente sem contrato), trabalhadores autônomos ou independentes, trabalhadores familiares não remunerados e trabalhadores domésticos assalariados; menos os profissionais e técnicos consignados nessas categorias.

Para delimitar o setor informal urbano, é necessário descontar os trabalhadores familiares independentes e não remunerados que trabalham na agricultura, silvicultura, mineração, pesca e caça (BARROS, 2021). De acordo com Tavares (2021), o conceito de setor informal está intimamente relacionado ao de microempresa. Este último começou a ser amplamente utilizado na década de 1990, geralmente para se referir a unidades econômicas de pequena escala, que historicamente receberam diversas denominações como: Oficinas de Artesanato, Auto-Emprego, Trabalho Independente, Economia Popular, Estratégias de Sobrevivência, Economia de Subsistência, Pequena Produção, etc. A definição de microempresa é ambígua quanto ao seu porte, pois, embora todas incluam trabalhadores autônomos, podemos encontrar aquelas que agrupam unidades econômicas que possuem até cinco, sete, oito, dez e até dezenove trabalhadores, dependendo o país.

Para Ferreira (2019), é relevante mencionar que atualmente o termo “informal” é usado para se referir a dois conceitos diferentes. A primeira está relacionada ao cumprimento da regulamentação vigente em termos de contratos, impostos, regulamentos e benefícios sociais. Assim, diz-se que um trabalhador autônomo ou uma microempresa é informal quando não cumpre as normas legais vigentes. A segunda refere-se às características não regulamentadas do emprego, como tamanho, produtividade, grau de qualificação dos membros ou estabilidade da unidade econômica; Trabalhadores informais são assim definidos como aqueles com empregos geralmente instáveis, de baixa remuneração e baixa produtividade em setores marginais.

É importante distinguir entre o que é teoricamente conhecido como setor informal e outros conceitos associados à informalidade, como os que acabamos de mencionar (BARROS, 2021). Por exemplo, se considerada a definição que se refere ao cumprimento das normas vigentes, o termo informalidade também inclui as pessoas que trabalham como assalariadas em pequenas, médias e grandes empresas e que não possuem vínculo empregatício ou gozam de proteção trabalhista.

2.2 Trabalho informal na feira-livre

As feiras livres são definidas como: os locais onde se vendem produtos alimentares de origem animal ou vegetal, ou outros bens, serviços, artigos ou espécies autorizadas pelo respectivo município e que funcionem como bens nacionais de uso público. Esses locais são o principal centro de abastecimento para os setores mais pobres, portanto, são um elo fundamental na cadeia de distribuição e uma importante fonte de mão de obra. Neste espaço combinam-se elementos econômicos, sociais e culturais; constituindo e refletindo uma parte importante da identidade do nosso país (BRANCO, 2016).

Nos limites, entorno ou filas das feiras, há pessoas que exercem atividades comerciais sem autorização municipal. Trabalhar na fila das feiras livres tornou-se uma das estratégias de sobrevivência mais utilizadas pelas pessoas que vivem na pobreza urbana e é um fenômeno que vem aumentando. Isso reflete uma das realidades mais precárias dentro dos trabalhadores autônomos ou autônomos do setor informal urbano (MELO, 2020).

Uma feira livre é um mercado periódico que funciona nas ruas das cidades brasileiras. A sua existência remonta aos tempos coloniais. Apesar da modernidade e dos supermercados das grandes cidades, as antigas feiras de produtos, principalmente agrícolas, prosperam e renascem. Uma música ou grito típico feito pelo vendedor promovendo sua mercadoria é característico. Cada posto tem um setor marcado na rua, designado pelo município, ou um setor conquistado ao longo do tempo é ocupado. Os vendedores carregam toldos dobráveis para se proteger do sol e às vezes da chuva. Ao final da feira estão os vendedores irregulares ou informais que aproveitam o fluxo de público para vender seus produtos. As “filas” evoluíram ao longo do tempo a ponto de por vezes ultrapassarem os membros oficiais da feira em número e importância (SILVA, 2020).

Nas feiras livres, vende-se desde produtos agrícolas perecíveis até roupas, ferramentas, móveis, carnes e peixes, animais de estimação, livros usados, etc. Há também artistas de rua, políticos de campanha, pregadores, grupos de escoteiros e pessoas oferecendo sorteios, telefone, TV a cabo, empresas de assinatura de Internet, etc. Algumas se tornaram atrações turísticas, principalmente para colecionadores. Apesar da concorrência com os supermercados e dos protestos dos vizinhos mais próximos por causa do lixo e dos odores, as feiras têm lutado pela sua existência, chegando a acordos com os municípios. É assim que alguns homogeneizaram as cores de seus toldos e tomaram o cuidado de deixar o espaço ocupado limpo (SILVA, 2020).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o entendimento da feira e do trabalho informal dos feirantes foi necessária a Pesquisa de Campo, a qual permite um contato mais direto com os entrevistados, para reunir informações da pesquisa deste artigo, nesse caso “é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto” (GONÇALVES, 2019, p. 67).

Os recursos utilizados foram, inicialmente, o levantamento bibliográfico dos principais trabalhos que abordam a temática desta pesquisa, bem como a utilização de diário de campo desenvolvido na observação direta. O enfoque deste estudo foi o Qualitativo, com o objetivo de descrever o trabalho informal realizado pelos feirantes das feiras do Bagaço e do Produtor, no que se refere à sua capacidade de promover o desenvolvimento do ponto de vista econômico, destes trabalhadores, o qual “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 31). Foi realizada uma pesquisa de campo no período de dezembro de 2022 a março de 2023, observando a realidade dos feirantes das duas feiras livres analisadas, assim como, a aplicação das entrevistas, contendo oito perguntas com oito participantes para entender a capacidade econômica de gerar renda.

O método empregado foi o Dialético, o qual, segundo Cunha (2005), é o método de discussão que se refere a chegar a respostas por meio do discurso lógico e razoável dos argumentos, tendo em mente que não são feitos argumentos desrespeitosos; é uma discussão entre diferentes entidades sobre o seu ponto de vista.

3.1 Localização e caracterização da área de estudo

A cidade de Parintins, pertence à bacia hidrográfica do rio Amazonas, cercada pelos lagos do Parananema, Aninga e Macurany. Parintins fica distante da capital Manaus cerca de 369 km, possuindo uma área territorial estimada em 5.952.390km². Possui o regime sazonal de cheias e vazantes dos rios em que contribuem para mudanças na dinâmica urbana e funcionamento das feiras (deslocamento para outra área), como demonstrado na figura 1:

Figura 1: Mapa de localização da cidade de Parintins/AM

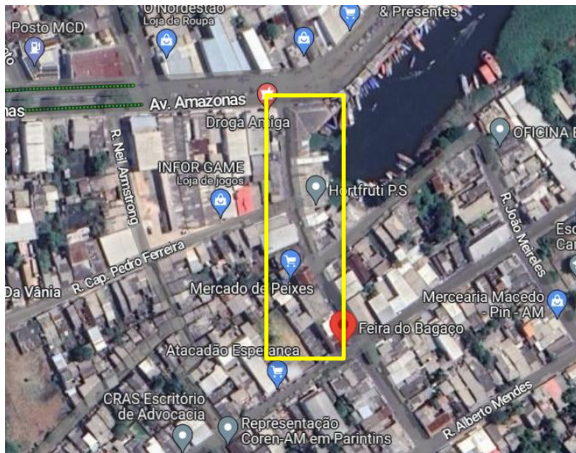


Fonte: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5997>

A pesquisa foi realizada em duas feiras da cidade de Parintins, sendo:

- a) Feira do Bagaço - localizada no bairro da Francesa, na Rua Silves, tendo suas ruas preenchidas por feiras, comércios e lojas, tendo um fluxo constante de pessoas devido aos serviços comerciais presente na localidade (figuras 2 e 3):

Figuras 2 e 3: Localização da Feira do Bagaço e fluxo de pessoas



Fonte: Google Maps, 2023



Fonte: acervo autora, 2022

b) Feira do Produtor - conhecida popularmente como “Feira do Sagrado” por estar próxima a Igreja Sagrado Coração de Jesus. Localizada na Rua Boulevard 14 de Maio - Centro, abrigando agricultores familiares (figuras 4 e 5):

Figuras 4 e 5: Localização da Feira do Produtor, exposição nas barracas de produtos



Fonte: Google Maps, 2023



Fonte: Arquivo próprio, 2022

3.2 Participantes

Foi realizada a observação direta nos locais da pesquisa (Feira do Bagaço e Feira do Produtor) no horário da manhã e tarde e aplicação das entrevistas. Concordearam em participar da entrevista 8 (oito) trabalhadores, sendo 4 (quatro) da feira do bagaço e 4 (quatro) da feira do

produtor. Os trabalhadores serão identificados como: A, B, C, D, E, F, G e H, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Identificação dos entrevistados

FEIRANTE	SEXO	IDADE	NATURALIDADE	GRAU DE ESCOLARIDADE	LOCAL DE TRABALHO
A	Feminino	48 anos	Santarém/PA	Ensino Fundamental Incompleto	Feira do Bagaço
B	Feminino	32 anos	Parintins/AM	Ensino Superior Completo	Feira do Produtor
C	Masculino	55 anos	Santarém/PA	Ensino Fundamental Incompleto	Feira do Bagaço
D	Feminino	40 anos	Parintins/AM	Ensino Fundamental Completo	Feira do Bagaço
E	Feminino	20 anos	Parintins/AM	Ensino Fundamental Incompleto	Feira do Bagaço
F	Feminino	40 anos	Parintins/AM	Ensino Fundamental Incompleto	Feira do Produtor
G	Masculino	43 anos	Nhamundá/AM	Ensino Fundamental Incompleto	Feira do Produtor
H	Masculino	19 anos	Parintins/AM	Ensino Médio Incompleto	Feira do Produtor

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

No geral, observou-se que os feirantes em sua maioria são oriundos de Parintins (AM), Santarém (PA) e Nhamundá (AM). Com a faixa etária entre 19 e 55 anos, com nível de escolaridade predominante ensino fundamental incompleto. Para esses trabalhadores, a feira livre é um ambiente acolhedor e familiar, que faz parte de suas vidas há muitos anos.

4. FEIRAS LIVRES DE PARINTINS E AS DIFICULDADES DOS FEIRANTES PARINTINENSES

Como resultados, apresentaremos as entrevistas onde se constatou as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores informais no setor primário, as mudanças percebidas na

formação desses trabalhadores ao longo dos anos e suas opiniões sobre a localização das feiras livres em Parintins.

Muitos trabalhadores têm uma longa trajetória de trabalho nas feiras livres. Isso se deve, em parte, ao fato de que elas são uma atividade tradicional e cultural. Essas feiras oferecem uma oportunidade para os vendedores trabalharem por conta própria, o que pode ser uma opção atraente para aqueles que desejam ter um negócio próprio.

Porém, o trabalho nas feiras livres pode ser desgastante, exigindo muita energia, esforço físico e habilidades para negociar e vender seus produtos. As figuras 6 e 7, demonstram o cotidiano dos feirantes.

Figura 4: A) Feira do Produtor. B) Feira do Bagaço



Fonte: acervo da autora, 2022

Apesar dos desafios, muitos vendedores consideram o trabalho nas feiras livres uma opção viável e gratificante. Eles são capazes de estabelecer relacionamentos pessoais com seus clientes e oferecer produtos naturais (*in natura*) de qualidade, o que muitas vezes é recompensado com lealdade e apoio da comunidade local. Conforme o participante C, ele está “trabalhando na feira livre aproximadamente uns 20 (vinte) anos”, enquanto a participante D acompanha os seus pais desde a adolescência e até hoje continua nessa jornada de trabalho.

A feira livre é um importante espaço de comércio para muitas comunidades e muitos trabalhadores dedicam suas carreiras exclusivamente a ela. Quando questionados se trabalham em outros lugares, dois trabalhadores afirmaram que se dedicam integralmente às feiras livres. “Eu trabalho apenas na feira, já conheço toda a dinâmica que envolve a compra e venda dos produtos” (Participante C). “Sim trabalho somente aqui na feira, já conheço toda a

movimentação do dia a dia de como me organizar para comprar e vender os produtos com os quais eu tenho trabalhado” (Participante D).

Para esses trabalhadores, a feira livre não é apenas um local de trabalho, mas sim um ambiente familiar e reconhecido. Eles conhecem todas as dinâmicas envolvidas na compra e venda de produtos, e sabem como se organizar para garantir um bom desempenho financeiro.

Essa familiaridade com a dinâmica das feiras é essencial para o sucesso do trabalho nesse ambiente. Conforme a teoria do conhecimento tácito de Michael Polanyi, o conhecimento prático é algo que é difícil de ser formalizado em regras explícitas, e é adquirido por meio da experiência prática e da observação. Dessa forma, os trabalhadores que se dedicam exclusivamente às feiras livres possuem um conhecimento tácito valioso e difícil de ser substituído por trabalhadores sem essa experiência (BARROS, 2021).

A feira livre é um espaço de construção de laços sociais e de confiança, como destaca a teoria do capital social de Robert Putnam. Os trabalhadores que se dedicam exclusivamente às feiras têm a oportunidade de estabelecer relacionamentos de longo prazo com seus clientes, o que pode levar a uma maior fidelização e, conseqüentemente, a um melhor desempenho financeiro (SILVA, 2020).

Trabalhar em feiras livres é uma realidade para muitos trabalhadores em diversas regiões do mundo. Quando questionados sobre sua satisfação com esse trabalho, dois trabalhadores afirmaram que gostam muito e que se vêem realizados nessa atividade. Conforme a participante F “[...] estou acostumada com esse ritmo de trabalho e ajudo o meu marido a sustentar os nossos filhos.” e segundo o participante G, “é do meu trabalho aqui na feira que sustento a minha família”. Eles afirmam ter crescido em meio às atividades relacionadas às feiras e é de onde tiram o sustento para suas famílias.

A teoria da auto-determinação de Edward Deci e Richard Ryan destaca a importância da satisfação pessoal no trabalho para a motivação e o desempenho do trabalhador. Quando os trabalhadores se sentem realizados e engajados com o trabalho que realizam, tendem a apresentar um melhor desempenho e a se manterem motivados a longo prazo (MELO, 2020).

As feiras livres são espaços importantes para a economia popular, em que a diversidade de produtos e a informalidade nas relações de trabalho configuram um cenário particular para aqueles que atuam no ramo. No entanto, os feirantes têm suas vantagens e desvantagens no trabalho da feira livre.

O participante F, destaca “a falta de exigência de escolaridade como uma vantagem”, o que é corroborado por diversos estudos sobre o trabalho informal no Brasil. Segundo Tavares

(2021), a informalidade no mercado de trabalho está relacionada à falta de escolaridade, principalmente para aqueles que não possuem habilidades técnicas específicas para a inserção em setores formais da economia. Dessa forma, trabalhar na feira livre pode ser uma opção para aqueles que não tiveram acesso a uma formação mais ampla.

Outra vantagem apontada pela participante E “é ser seu próprio patrão”. De acordo com Branco (2016), a autonomia no trabalho é uma das principais motivações dos trabalhadores informais. Ao serem donos de seus próprios negócios, esses trabalhadores têm maior liberdade para decidir sobre a gestão do trabalho, o que pode resultar em maior satisfação profissional.

Porém, uma desvantagem mencionada por C é “a falta de direitos trabalhistas”, o que é uma realidade comum para trabalhadores informais no Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019, cerca de 38 milhões de pessoas trabalhavam na informalidade no país, ou seja, sem carteira assinada e sem garantias trabalhistas. Essa precariedade laboral pode levar a condições de trabalho insalubres, menor remuneração e falta de acesso a benefícios previdenciários e sociais (SANTOS, 2021).

No entanto, a participante A aponta como desvantagem “a perda de produtos perecíveis devido à falta de locais apropriados para armazenamento”. Essa situação evidencia a falta de estrutura para os trabalhadores informais e a dificuldade em competir em igualdade com os estabelecimentos formais do comércio varejista, que possuem maior capacidade de investimento em infraestrutura e tecnologia.

Diante disso, é importante destacar que a informalidade no mercado de trabalho brasileiro é uma questão complexa e multifacetada. Apesar das vantagens mencionadas pelos trabalhadores que atuam na feira livre, é necessário refletir sobre as condições precárias de trabalho e a falta de garantias laborais que podem expor esses trabalhadores a riscos e vulnerabilidades. É preciso buscar formas de incentivar a formalização do trabalho na feira livre, visando garantir a segurança jurídica e social dos trabalhadores. A formalização pode ser feita por meio do registro como Microempreendedor Individual (MEI).

A formalização do trabalho na feira livre traz benefícios tanto para os trabalhadores quanto para os consumidores. Para os trabalhadores, a formalização garante a segurança jurídica e social, com a possibilidade de contribuir para a Previdência Social e de ter acesso a benefícios como licença-maternidade, auxílio-doença e aposentadoria. Além disso, a formalização pode melhorar a gestão dos negócios, permitindo a obtenção de financiamentos e a realização de investimentos.

Para os consumidores, a formalização do trabalho na feira livre pode trazer mais segurança e qualidade nos produtos, uma vez que os trabalhadores formalizados têm mais incentivos para investir em equipamentos de segurança e higiene, bem como em treinamento e capacitação para a produção e venda de produtos de qualidade. Portanto, é importante a criação de políticas públicas de incentivo à formalização do trabalho na feira livre, com a criação de programas de capacitação, acesso a crédito e orientação jurídica. Além disso, é necessária que haja uma mudança cultural, valorizando o trabalho formal e o empreendedorismo, como forma de garantir uma vida digna e com mais oportunidades para todos os trabalhadores, incluindo aqueles que atuam na feira livre.

As respostas dos Participantes H e B sobre as principais dificuldades enfrentadas no setor primário revelam a falta de infraestrutura e políticas públicas adequadas para apoiar esse tipo de atividade econômica. A precariedade das condições de trabalho, como a falta de segurança e saneamento básico, coloca em risco a saúde e a segurança dos trabalhadores, além de afetar a qualidade dos produtos comercializados. Segundo dados do IBGE, cerca de 5 milhões de brasileiros trabalham no setor primário, que engloba atividades de agricultura, pecuária, pesca e extrativismo.

Apesar de ser responsável por uma parcela significativa da produção de alimentos no país, o setor enfrenta uma série de desafios estruturais que comprometem sua sustentabilidade e competitividade. Um dos principais desafios enfrentados pelos trabalhadores do setor primário é a falta de investimentos em infraestrutura básica, como estradas, pontes, armazéns e sistemas de irrigação. A falta de acesso a esses recursos impede a melhoria da produtividade e da qualidade dos produtos, além de dificultar o escoamento da produção para os mercados consumidores.

A ausência de políticas públicas de desenvolvimento rural e agrário é um tema que tem sido amplamente discutido por especialistas e pesquisadores no Brasil. De acordo com o pesquisador Santos (2021), a falta de políticas públicas efetivas para o setor é um reflexo do processo histórico de concentração de terras e recursos, que priorizou o desenvolvimento das atividades urbanas e industriais em detrimento das atividades rurais.

Nesse sentido, é fundamental que o governo invista em políticas que incentivem a modernização e a sustentabilidade do setor primário, incluindo medidas que promovam a formalização dos trabalhadores e a garantia de direitos trabalhistas e previdenciários. Também é necessário investir em infraestrutura e tecnologia para melhorar a produtividade e a qualidade

dos produtos, além de desenvolver políticas de comercialização que favoreçam a inserção dos produtos no mercado nacional e internacional.

A respeito das mudanças que os participantes (A, B, C, D, E, F, G e H) perceberam no decorrer dos anos quanto à formação dos trabalhadores na feira livre, apontam para uma mudança na formação dos trabalhadores na feira livre, uma vez que pessoas com formação acadêmica estão buscando essa atividade por falta de oportunidades no mercado formal. Isso sugere que a atividade não é mais vista como exclusiva para pessoas com baixa escolaridade ou falta de opções, no entanto, é importante ressaltar que essa mudança ainda é pontual e não representa uma tendência geral.

De acordo com Ferreira (2019), a precarização do trabalho é uma das características do setor informal, que inclui as feiras livres. Segundo ele, a informalidade é resultado da desregulamentação do trabalho, que ocorreu a partir da década de 1990, com a flexibilização das leis trabalhistas e a terceirização. Essa precarização tem reflexos na formação dos trabalhadores, uma vez que o setor informal oferece poucas oportunidades de qualificação profissional e desenvolvimento de carreira. Além disso, a falta de reconhecimento e de políticas públicas específicas para o setor também contribui para a manutenção do baixo nível de formação dos trabalhadores das feiras livres.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, apenas 24,4% dos trabalhadores informais do país tinham algum tipo de registro em carteira de trabalho. Essa falta de reconhecimento tem impacto direto na formação dos trabalhadores, uma vez que a ausência de benefícios trabalhistas, como seguro-desemprego e auxílio-doença, prejudica a formação continuada e o desenvolvimento profissional (FERREIRA, 2019). Logo, é necessário que sejam criadas políticas públicas que reconheçam e valorizem o trabalho nas feiras livres, incentivando a formalização e oferecendo oportunidades de formação e qualificação profissional.

É importante que sejam realizadas ações de capacitação, treinamento e orientação para os trabalhadores das feiras livres, visando à melhoria da qualidade dos produtos oferecidos e à ampliação da clientela. Sejam criados incentivos para a formalização dos trabalhadores, como a criação de cooperativas, associações, microempresas, redução de impostos e a oferta de linhas de crédito específicas. Somente dessa forma será possível promover uma mudança significativa na formação e na qualificação dos trabalhadores das feiras livres.

As respostas apresentadas pelos feirantes à pergunta sobre a localização das feiras livres em Parintins, embora curtas e objetivas, trazem algumas reflexões sobre a importância da

localização desses espaços para o sucesso das vendas e a consequente sustentabilidade dos negócios.

O participante B afirma que “está bem localizada, moramos perto aqui e vejo pessoas de outros bairros que vem comprar vários tipos de produtos que são comercializados na feira.”, demonstrando que a localização é um fator importante para o sucesso dos negócios. Segundo Barros (2021), a localização é um elemento chave para o sucesso de qualquer empreendimento, pois influencia diretamente no acesso dos clientes e no potencial de vendas. Além disso, a localização influencia também na exposição dos produtos, na concorrência com outros negócios e no tipo de público que frequenta o local, o que pode ser determinante para a escolha.

O conceito de ponto estratégico está relacionado a uma localização que proporciona maior visibilidade e maior fluxo de pessoas, o que aumenta as chances de venda (BARROS, 2021). Além disso, a escolha de um ponto estratégico também está relacionada à presença de infraestrutura, como iluminação, segurança e transporte, que garantem a facilidade de acesso e a frequência de clientes. Portanto, as respostas dos feirantes destacam a importância da localização das feiras do Bagaço e do Produtor para o sucesso das vendas e sustentabilidade dos negócios.

No entanto, é importante ressaltar que a escolha da localização não deve ser feita apenas pelos feirantes, mas deve envolver também políticas públicas que garantam a oferta de infraestrutura adequada, além de estudos de mercado e análises dos hábitos de consumo da população para que sejam escolhidos pontos de venda que atendam às demandas do público-alvo.

Por fim, sobre a opinião que possuem sobre a realidade econômica que se encontram os trabalhadores das feiras livres, as respostas mostram que essa realidade se caracteriza pela falta de estabilidade financeira e de garantias trabalhistas, sendo ela reflexo da informalidade presente em muitos setores da economia brasileira, incluindo o setor de feiras livres. Segundo eles:

Somos pessoas simples que não temos os recursos como os grandes comerciantes do mercado formal e vivemos de pequenos lucros que ganhamos com os produtos que compramos para revender. É uma realidade diferente dos trabalhadores que tem suas carteiras assinadas ou como os concursados com os benefícios que garantem uma certa estabilidade financeira. (Participante C, 2023).

Somos trabalhadores que não temos nossas carteiras de trabalho assinadas e não somos concursados, também não recebemos benefícios que garantem uma certa estabilidade financeira, trabalhamos muito durante o dia e no final temos que saber

administrar o lucro porque é ele instável, tem períodos que a venda é boa e outros não, quando os produtos perecíveis não são vendidos perdemos parte do capital investido. (Participante D, 2023).

Conforme Ferreira (2019), cerca de 57% dos trabalhadores do comércio informal não possuem carteira assinada e 41% trabalham sem registro algum. Além disso, muitos desses trabalhadores enfrentam dificuldades para conseguir empréstimos e financiamentos, devido à falta de comprovação de renda e de histórico de crédito.

Essa falta de estabilidade financeira e de garantias trabalhistas pode ser agravada pela instabilidade do mercado, como mencionado pelo Participante B. O sucesso das vendas de um dia pode não se repetir em outro, o que exige que os trabalhadores das feiras livres sejam habilidosos em gerenciar seus recursos e empreender de forma autônoma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das respostas dos trabalhadores das feiras livres de Parintins, foi possível perceber que esses profissionais enfrentam diversas dificuldades no seu dia a dia. Entre elas estão à falta de infraestrutura adequada, falta de segurança e saneamento básico, falta de políticas públicas voltadas para o setor e a instabilidade financeira.

A falta de infraestrutura adequada, como a ausência de um local seguro e preparado para enfrentar as enchentes dos rios que ocorrem na região, acabam dificultando as atividades desses trabalhadores, que muitas vezes precisam se mudar para outros locais improvisados até que as águas dos rios baixem. Além disso, a falta de segurança e saneamento básico também é uma preocupação constante para esses profissionais, que se veem expostos a diversos riscos no seu dia a dia.

Outra questão apontada pelos trabalhadores é a falta de políticas públicas voltadas para o setor das feiras livres. Essa falta de incentivos e apoio acaba tornando o trabalho dos feirantes ainda mais difícil e instável, já que eles precisam lidar com uma série de problemas sozinhos, sem o suporte do poder público.

Além dessas questões, a instabilidade financeira também é um fator preocupante para os trabalhadores das feiras do Bagaço e Produtor de Parintins. Como não têm carteira assinada e não recebem benefícios que garantam estabilidade financeira, precisam lidar com uma realidade diferente dos trabalhadores formais, tendo que administrar os lucros obtidos de forma instável e sujeitos às oscilações do mercado.

Diante desses desafios, é preciso buscar formas de incentivar a formalização dos trabalhadores das feiras livres, garantindo assim o acesso a benefícios e direitos trabalhistas e previdenciários. Além disso, é importante que sejam criadas políticas públicas específicas para o setor, que possam ajudar a melhorar as condições de trabalho e a infraestrutura das feiras livres, garantindo um ambiente mais seguro e adequado para os trabalhadores e consumidores.

É importante que o poder público esteja atento às necessidades dos trabalhadores das feiras livres e que crie políticas específicas para o setor, como incentivos fiscais, linhas de crédito, capacitação e formação profissional, entre outras medidas que possam contribuir para o fortalecimento e desenvolvimento desse importante segmento econômico.

As entrevistas realizadas com trabalhadores das feiras do Bagaço e do Produtor, nos mostram uma realidade desafiadora e complexa. Contudo, os entrevistados ressaltam a importância das feiras livres como uma fonte de sustento para suas famílias, sendo também um meio de acesso a alimentos *in natura* e saudáveis para a população, além de incentivar os produtores rurais do município.

A valorização das feiras livres também passa pela conscientização da sociedade quanto à importância desses espaços para a promoção de uma alimentação saudável e para o desenvolvimento econômico local. É necessário reconhecer o papel desses trabalhadores como agentes fundamentais na cadeia produtiva de alimentos e na promoção da segurança alimentar e nutricional.

As feiras livres representam um importante patrimônio cultural e histórico para muitas cidades brasileiras. Esses espaços são um reflexo da diversidade cultural do país e das tradições alimentares de cada região. Apesar do processo de globalização, as feiras livres continuam se adequando à dinâmica econômica e preservando as tradições da cultura local. É fundamental que as políticas públicas de apoio às feiras livres levem em consideração essa dimensão cultural e busquem preservar e valorizar as características únicas de cada uma delas.

Por fim, é sabido destacar a relevância das iniciativas de economia solidária, que buscam valorizar o trabalho dos pequenos produtores e empreendedores, contribuindo para a criação de redes de cooperação e fortalecimento da economia local. Essas iniciativas podem ser uma alternativa interessante para os trabalhadores das feiras livres do Bagaço e do Produtor em Parintins, já que podem ajudar a melhorar a organização e gestão dos negócios, bem como proporcionar novas oportunidades de acesso a crédito, formação e capacitação.

REFERÊNCIAS

BARROS, Caroline Vitória de. **Saberes, fazeres e aprendizagens na feira livre de Santo Amaro - BA**. 2021. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

BRANCO, Lesley Cristina Araujo Castelo. **A feira livre de Porto Nacional-TO: espaço de comercialização, socialização e resgate cultural**. 2016. 24 f. Monografia (Especialização em Geografia) - Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2022.

FERREIRA, Keyla Karla Fernandes. **Vida talhada com as mãos: as representações sociais da feira livre de Capelinha-MG**. 2019. 113 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Rurais) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2019.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2019.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Centro Universitário UMA, Belo Horizonte, 2014.

MELO, Adrielle Nascimento de. **Sociabilidade e relações econômicas na feira livre em Benjamin Constant-AM**. 2020. 47 f. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant, 2020.

PAMPLONA, Nicola. **Informalidade no país atinge quase 40 milhões de pessoas, diz IBGE**. Título da matéria. Folha de S. Paulo, 2023. Disponível em: Informalidade no país atinge quase 40 milhões de pessoas, diz IBGE - 27/09/2019 - Mercado - Folha (uol.com.br)

SANTOS, Denise Oliveira. **Os labirintos do trabalho informal na feira livre de Santana do Ipanema – Alagoas**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) - Unidade Educacional Santana do Ipanema, Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Santana do Ipanema, 2020.

SILVA, Valéria Roberto da. **História e saberes matemáticos na feira: um estudo de caso sobre a Feira Livre de São José de Piranhas, PB**. 2020. 52 f. Monografia (Licenciatura em Matemática) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Cajazeiras, 2020.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2: A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31 – 42.

SOUZA, Valdilene Siqueira de. **Centralidade urbana em cidades ribeirinhas da Amazônia: Parintins-AM**. 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

TAVARES, Cícero Antonio Jatanael da Silva. Feira livre do Crato/CE: entre protagonismo e decadência. **Revista GEOMAE: Geografia, Meio Ambiente e Ensino**, v.12, n.2, 2021. Disponível em: <https://vortex.unespar.edu.br/index.php/geomae/article/view/5843>. Acessado em: 20 de agosto de 2022.

APÊNDICES

Roteiro da Entrevista

Caracterização do Entrevistado

Nome Completo:

Sexo:

Idade:

Local de Nascimento:

Grau de Escolaridade:

- 1) Por quanto tempo o (a) senhor (a) trabalha na feira livre?
- 2) O (a) senhor (a) trabalha apenas na feira livre ou tem outro trabalho?
- 3) O (a) senhor (a) gosta de trabalhar na feira livre?
- 4) Como é trabalhar na feira livre, quais são as vantagens e desvantagens?
- 5) Quais as principais dificuldades que o (a) senhor (a) enfrenta nesse setor primário?
- 6) Quais mudanças o (a) senhor (a) percebeu ao decorrer dos anos quanto a formação dos trabalhadores na feira livre?
- 7) O que o (a) senhor (a) acha da localização das feiras livres de Parintins?
- 8) Na sua opinião qual é a realidade econômica que se encontram os trabalhadores das feiras livres.